

UM RELATO DE ENCONTROS E VIVÊNCIA MISSIONÁRIA

*Ir. Inês Facioli, mscs**

1 Introdução

Como missionária scalabriniana, cujo carisma congregacional é o serviço evangélico e missionário aos migrantes e refugiados, tive e continuo tendo a oportunidade de colaborar e vivenciar experiências missionárias com migrantes internos, sazonais, temporários, refugiados, imigrantes e emigrantes brasileiros no exterior. Neste relato, de forma sucinta, pretendo identificar as localidades onde atuei, algumas atividades relevantes e fatos que deixaram lembranças inesquecíveis.

2 Barrageiros – Usina Foz do Areia – PR

Reunir os que se encontram dispersos.!

fiz parte de uma comunidade scalabriniana em Faxinal do Céu – PR, durante os anos de 1977 e 1978, período da construção da Usina Hidrelétrica de Foz do Areia. Os trabalhadores migrantes eram contratados por empresas e residiam com suas famílias em casas pré-fabricadas distribuídas nas vilas, de acordo com a profissão e cargos que desempenhavam na obra. Eram provenientes do interior do Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e São Paulo. Um grande salão comunitário era utilizado para as atividades religiosas, culturais e esportivas. Em nossa ação missionária priorizamos a aproximação entre as famílias das vilas com encontros semanais e círculos bíblicos. No período da Quaresma, Mês da Bíblia e Natal aconteciam encontros mais festivos envolvendo todos os grupos das diversas vilas. À medida que se concluída uma etapa da obra, os trabalhadores e suas famílias eram deslocados para outras cidades e construções. Enquanto a construção da usina avançava, o número de moradores diminuía. Muitos dos que partiam mantinham contatos através de cartas e contavam os desafios no período de adaptação e dos sentimentos na hora da partida. Suas vidas enquanto barrageiros eram um constante recomeçar.

* Missionária da Congregação Scalabriniana cujo carisma é o trabalho pastoral com migrantes.

3 Região Canavieira - Dobrada -- Santa Ernestina e Guariba - SP

Que Deus abençoe suas chegadas e partidas!

A comida era feita na cidade logo de madrugada, mas consumida na roça pelos boias-frias. Assim eram denominados os trabalhadores rurais no corte de cana. No ano de 1983, quando chegamos em Dobrada-SP, havia 14 alojamentos da Usina Bonfim, construídos em meio aos canaviais, abrigando centenas de trabalhadores em cada um deles. A Comissão Pastoral da Terra (CPT) da diocese de Jaboticabal já acompanhava há alguns anos a realidade desses trabalhadores rurais. Eram homens provenientes do Vale do Jequitinhonha, da região de Montes Claros - MG e da região de Ipirá - BA. Em maio de 1984, os boias-frias clamaram forte e publicamente por condições justas e dignas de trabalho e vida, com uma greve histórica na cidade de Guariba. Um marco referencial nas reivindicações dos trabalhadores rurais. Em 1985, foi constituída uma equipe da Pastoral do Migrante na diocese de Jaboticabal em articulação com o Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), um organismo ligado a Pastoral Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – (CNBB). A equipe inicial contou com três religiosas scalabrinianas, dois missionários scalabrinianos, dois agentes liberados das regiões de origem dos migrantes e um assessor. Como ponto de partida foi elaborado um Projeto de Intercâmbio Pastoral junto aos Migrantes Sazonais, do qual participei nos períodos de 1985 a 1995 e de 2005 a 2010. Desses anos de aproximação, convivência e de encontros com os migrantes sazonais e de atuação na Pastoral do Migrante, posso destacar a importância do intercâmbio socio pastoral entre igrejas, entidades, pastorais sociais e sindicatos nas regiões de origem e destino dos migrantes; as visitas semanais aos alojamentos e às moradias dos migrantes; as equipes da Pastoral do Migrante que atuavam nas paróquias; os contatos e relatos dos agentes liberados que iam ao encontro dos migrantes em dezenas de cidades da região de Ribeirão Preto; as missões envolvendo dezenas de agentes pastorais que eram realizadas no período da entressafra nas comunidades rurais de Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Paraíba e a parceria e assessoria de pesquisadores competentes e comprometidos com esta causa. Uma atenção especial durante o período da safra desses trabalhadores era o cultivo da fé e a formação religiosa. Mensalmente havia a celebração eucarística e uma vez na semana alguns catequistas iam até os alojamentos para fazer encontros de preparação aos sacramentos da Crisma e Eucaristia. Antes do encerramento da safra acontecia a celebração litúrgica com a presença do bispo para ministrar esses sacramentos a centenas de migrantes. Outro aspecto significativo foi a realização de encontros com migrantes nas paróquias e a promoção de eventos culturais, tais como, a Festa do Bumba Meu Boi, as Festas Juninas, Festivais e Shows que aconteciam por ocasião da Semana do Migrante. Na área da comunicação o boletim *Cá e Lá*, com a tiragem de milhares de exemplares, era um instrumento de intercâmbio entre os migrantes e suas comunidades e o *site* da Pastoral do Migrante dava

visibilidade a esta realidade dos migrantes sazonais no interior de São Paulo. Dezenas de estudantes universitários estiveram na sede da Pastoral buscando informações, dados e referências para suas pesquisas sobre as migrações temporárias. Também durante este período, a Pastoral publicou dois livros: *Experiência Pastoral junto aos Migrantes Sazonais* e *Vozes do Eito*, relatando depoimentos dos migrantes no corte de cana, os desdobramentos e as incidências da sua ação socio pastoral. Tais incidências e denúncias feitas pela Pastoral do Migrante despertaram o Ministério Público do Trabalho a realizar diversas investigações e audiências públicas entre os anos 2004 e 2008, por ocasião da morte de 21 trabalhadores cortadores de cana. Viveu-se um período doloroso e difícil pelo medo e a insegurança que ameaçavam os migrantes, suas famílias e os agentes pastorais. Do início ao final da safra, a aparência e a expressão dos cortadores de cana sofriam muitas alterações: rostos cansados, desfigurados, corpos franzinos, braços inchados, dores no corpo, perda de apetite e fraqueza. Com fé e coragem, nos limites de suas forças, eles sustentavam suas famílias. Deste longo período, 1985-2015, de atuação da Pastoral do Migrante na diocese de Jaboticabal e região de Ribeirão Preto há um acervo histórico que inclui fotos, relatórios, cartas de migrantes, dados e informações que estão arquivados no Centro de Estudos Migratórios, CEM, da Missão Paz de São Paulo.

3 Sudoeste Baiano - Região de origem (1996-1999)

Ao encontro de um novo horizonte!

Conhecer e conviver nesta região significou descer ao fundo de um poço e beber de uma água cristalina, oferecida por mãos generosas, jamais experimentada anteriormente. Eram dezenas de cidades marcadas pela seca e pela emigração do sudoeste baiano. Todos os dias as pessoas conversavam sobre o tempo e os familiares que partiram para os mais diferentes lugares. Pelas ruas e estradas haviam os carros de boi, mulheres, idosos e até menores levando latões e baldes em busca de água na lagoa mais próxima. Dessas localidades emigravam os pais de família e os jovens para São Paulo, onde iam trabalhar no corte de cana, na construção civil e serviços gerais. Às mulheres e aos idosos restava travar a luta pela sobrevivência com ou sem água. A inclinação e dependência das pessoas para conseguir favores e serviços através do poder público era um trunfo para muitos políticos. Durante esse período marcamos presença em dezenas de comunidades rurais nos municípios de Botuporã, Tanque Novo e Caturama, na diocese de Caetité, através de visitas, formação de lideranças, atividades pastorais nas paróquias, realização de missões nas regiões de destino dos migrantes em paróquias do interior paulista e na Grande São Paulo: Carapicuíba, Itapevi e Osasco. Uma das condições para a permanência do camponês na terra era o acesso à água através da construção de cisternas. A Comissão Pastoral da Terra e a Pastoral do Migrante da diocese de Caetité

participaram do Fórum de Articulação do Semiárido - ASA, acompanhando o projeto de construção de cisternas que, de certa forma, veio aliviar o sofrimento em alguns períodos mais críticos da seca. Certa ocasião, após um encontro na comunidade, a família que nos acolheu colocou sobre a mesa algumas melancias que ao parti-las, deu água na boca. Mas, antes de saboreá-las, nos ofereceram da água que eles bebiam todos os dias, uma água bem escura. Outra vez estávamos reunidos numa comunidade rural, no período da tarde, e levamos um grande susto quando um boi entrou de repente dentro da igreja. Algumas pessoas saíram pelas janelas, outras se esconderam atrás do altar até que o boi foi retirado do local. No sertão baiano não faltavam surpresas...

4 Brasileiros no Exterior - Nova York e Boston (2000 a 2002)

Um tempo para reavivar a identidade coletiva!

Partir do sertão nordestino e chegar aos Estados Unidos foi um impacto muito forte em todos os aspectos. Diante da escassez, da carência, da ausência e das privações vividas e experimentadas anteriormente, estar na sociedade americana era um contrassenso. Inicialmente fiquei em Chicago, depois em Nova York onde participei de um grupo de brasileiros que se reunia nas casas para momentos de convivência, oração e reflexão bíblica. Em seguida passei dois meses em Tijuana na fronteira do México num Centro de Acolhida de Imigrantes e vivi dois anos na região de Boston. Nesta Arquidiocese estava organizado o Apostolado Brasileiro que, desde 1987, dava assistência às comunidades católicas brasileiras. Como missionárias scalabrinianas nos integramos a esse grupo. Naquele período havia 14 comunidades localizadas nas cidades de Allston, Cambridge, East Boston, Everett, Framingham, Hudsan, Lowell, Marlborough, Plymouth, Rockland, Somerville, Stoughton, Peabody e Gloucester. Os brasileiros dispunham de pouco tempo para contatos e encontros pessoais; viviam em função do trabalho dizendo: nosso dia a dia é trabalhar sem deixar o corpo reclamar. Foi uma atuação pastoral de evangelização e organização das comunidades através da catequese, pastoral da juventude, pastoral da família, encontros de interação com as mulheres, encontros de convivência com adolescentes, celebrações dominicais e promoção de serviços sociais de apoio aos imigrantes. Em Allston havia um centro de atendimento do Apostolado Brasileiro que funcionava durante a semana e nos finais de semana as atividades pastorais aconteciam nas comunidades, no mesmo espaço das comunidades americanas. Um dos momentos esperados pelos brasileiros aos domingos era a celebração da missa seguida pelo café, fosse pela manhã ou à tarde. Momento de alegria troca de informações, desabafos, tempo de cultivar a fé e partilhar o café. A celebração da Festa de Nossa Senhora Aparecida no mês de outubro envolvia todas as comunidades através de encenações, cantos e a procissão. Era a festa dos brasileiros!

5 Quito - Equador - Refugiados colombianos (2003-2004)

Deus tem sido o nosso refúgio de geração em geração!

Uma cena marcante no Comitê Pró Refugiados - CPR em Quito, local de atendimento aos refugiados onde trabalhei, foi a chegada de um senhor colombiano com cinco filhos, todos abaixo de dez anos. O menor tinha dois meses e estava em seu colo. A mãe havia sido sequestrada pela guerrilha e ele teve que fugir rapidamente. Ser perseguido, ameaçado, conviver com a violência, perder familiares, perder os próprios bens, em troca de quê? Traumas, dores, lágrimas e muito sofrimento! Os refugiados colombianos ainda que, impactados emocionalmente e sem perspectivas, encontravam no país vizinho acolhimento, solidariedade e novas oportunidades. Após o ano 2000, em razão do elevado número de solicitantes de refúgio, o (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - ACNUR- passou a apoiar, fortalecer e ampliar o trabalho que já vinha sendo feito pela Conferência Episcopal Equatoriana junto aos refugiados desde 1992, sob coordenação das irmãs scalabrinianas. Devido ao intenso fluxo de refugiados neste período, foram organizadas oficinas de atendimento em outras áreas do país. De acordo com dados do Ministério das Relações Exteriores, em 2002 houve 6.766 solicitantes; em 2003, 11.463 e em 2004, 7.853. No Comitê Pró Refugiados eram realizadas ações de registro e entrevistas a solicitantes de refúgio em coordenação com o Ministério das Relações Exteriores. Paralelamente a este serviço de documentação acontecia o atendimento social e psicológico. Mensalmente agentes da Cruz Vermelha se deslocavam até este local para o atendimento de consultas aos refugiados e suas famílias. Por parte de algumas instituições e entidades eram realizadas oficinas de capacitação e micro empreendimento aos refugiados e refugiadas, e atividades lúdicas e educativas com as crianças. Em datas festivas: Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia do Refugiado, Dia da Pátria e Natal eram preparadas celebrações, gincanas e confraternização no próprio espaço do CPR. A fé e confiança em tempos de paz e de reconstrução de suas vidas se expressavam em sorrisos e *'muchas gracias'*.

6 Região de Jales - SP - Migrantes temporários (2011 -2014)

Um espaço para o sagrado!

O início de nossa presença scalabriniana na diocese de Jales em 2011 foi definida como uma extensão missionária partindo de Guariba-SP para Fernandópolis-SP. Naquele período, haviam migrantes temporários no corte de cana nos municípios de General Salgado, Santo Antonio do Aracanguá, Auriflamma, Guzolândia, Três Fronteiras, Sud Menuci, Pereira Barreto, Ouroeste, Guarani D'Oeste, Ilha Solteira, Suzanópolis, residindo em alojamentos e moradias coletivas nas cidades. A partir de 2011, com a duplicação da Rodovia Euclides da

Cunha - SP 320, e a construção de 577 casas do programa Minha Casa, Minha Vida, vieram residir em Fernandópolis centenas de migrantes temporários para essas novas frentes de trabalho. Foi necessário reforçar a atuação da Pastoral do Migrante. Com apoio do bispo, dos párocos, religiosas e colaboração dos leigos das comunidades presentes nos bairros, foi possível realizar visitas e acompanhamento aos migrantes, organizar encontros de convivência e celebrações nas casas e nos alojamentos. Eram migrantes trabalhadores da rodovia, da construção civil e do corte de cana, com realidades e situações bem diversas. Quanto aprendizado, quantas histórias, quantas descobertas! Conheci um migrante piauiense que passou por 21 estados brasileiros, trabalhando em diferentes serviços. Em 2012, um grupo de trabalhadores do programa Minha Casa Minha Vida fez greve e foi à agência do Ministério Trabalho em Fernandópolis para fazer suas queixas e denúncias contra a empresa construtora da obra. A obra foi interditada por um mês e os trabalhadores retirados das condições de moradias precárias, sendo colocados em hotéis de Fernandópolis até receberem a rescisão contratual. Os novos trabalhadores que chegaram para dar continuidade à obra foram colocados num motel desativado no Jardim Ipanema, próximo à comunidade Nossa Senhora do Carmo. Num domingo pela manhã, ao fazer visitas nesse motel, um deles nos disse: venham ver o nosso altar, onde fazemos nossa oração da manhã e da noite. Num suporte giratório do motel colaram a imagem de Nossa Senhora Aparecida e de Santo Expedito. Ali havia um espaço para o sagrado!

7 São Paulo - Centro Scalabriniano de Promoção do Migrante (2015)

Acolher e promover!

Durante o ano de 2015 a junho de 2016, passei a fazer parte de uma comunidade scalabriniana, no Bairro do Pari – SP, onde está localizado o Centro Scalabriniano de Promoção ao Migrante (CESPROM), iniciado em 2007, com o projeto “Construindo Cidadania”, que tem por finalidade acolher e atender imigrantes recém-chegados em São Paulo. A proposta deste Centro, em funcionamento até os dias de hoje, é o de favorecer uma integração entre imigrantes de diferentes nacionalidades proporcionando-lhes uma formação que respeite e valorize as potencialidades, crenças e a cultura de cada ser humano. Este Centro oferece cursos gratuitos de Informática, Administração, Corte e Costura, Pedicuro, Manicuro, Cabelereiro e Culinária, em finais de semana. A presença atinge uma média de 130 imigrantes latino-americanos e alguns africanos. Foi uma breve experiência a qual me possibilitou apreciar e valorizar o esforço desses imigrantes por uma inserção mais qualificada no mercado de trabalho. Muitos deles ao concluir um curso se inscreviam em outro. O encerramento dos cursos, que acontece em dois momentos do ano, é sempre

coroado de calorosas apresentações culturais e comidas típicas preparadas por eles mesmos. Durante este período, também participei de Rodas de Conversa com mulheres imigrantes, um projeto desenvolvido pelo Centro de Apoio aos Migrantes - CAMI.

8 Região de Londrina - Norte do Paraná (2016 -2018)

O Senhor vai acendendo luzes quando vamos precisando delas!

Atualmente somos duas irmãs scalabrinianas na Arquidiocese de Londrina atuando na Pastoral do Migrante em parceria com a Caritas Arquidiocesana, no atendimento e acompanhamento aos imigrantes haitianos e refugiados de diversas nacionalidades. Eles residem nas cidades de Cambé, Rolândia, Jaguapitã e Londrina. Os bengaleses trabalham nos frigoríficos; os senegaleses, como autônomos em pequenas bancas nas ruas do comércio; os haitianos, em frigoríficos, construção civil e serviços gerais. Neste momento a situação dos haitianos é clamorosa por emprego. Muitos deles chegaram a entregar dezenas de currículos e há mais de um ano não encontram trabalho remunerado. Os deslocamentos de uma cidade para outra, bem como de um Estado para outro se tornaram uma trajetória comum. A partir de 2016, os haitianos começaram a trazer esposas e filhos, tendo que assumir custos elevados com vistos, viagem e documentação de chegada. Quanto aos bengaleses, que estão empregados e vivem no Brasil há mais de três anos, muitos deles ainda aguardam a decisão de sua solicitação de refúgio, renovando o protocolo anualmente; vivem o drama da incerteza, vinculado ao sofrimento da família que se encontra distante e suplicando insistentemente por decisões. É através de agentes da Pastoral do Migrante, da Caritas, dos Vicentinos, da Pastoral da Criança e solidariedade por parte das paróquias da Arquidiocese de Londrina e dos serviços públicos municipais que os imigrantes e refugiados são acompanhados com visitas, orientações e ajudas de emergência. Uma das prioridades neste acompanhamento tem sido o curso de português com apoio de voluntários, apesar da irregularidade na frequência. Diversas atividades são realizadas em parceria com entidades, universidade e paróquias, tais como: Seminários temáticos, Encontros de Convivência com Migrantes, Oficina do Pão e Grupo do Bordado com as mulheres, Celebração do Dia Internacional do Imigrante, Rodas de Conversa com professores, Curso de Camareira e Celebrações Festivas. O Grupo de Trabalho - GT Imigrantes e Refugiados, coordenado pela Caritas e do qual participamos é um espaço de diálogo e intercâmbio entre entidades civis, serviços públicos e atuação pastoral em defesa dos direitos e cidadania dos imigrantes e refugiados. Tem sido através de recursos tecnológicos como o “*whatsapp*” e “*menseger*” que imigrantes e refugiados continuam rompendo fronteiras. Tais mecanismos de comunicação interferem constantemente em seu emocional, em suas opções e decisões, ora alimentando esperanças, ora provocando decepções. Seria isto também um mecanismo a favor de seu protagonismo global?

9 Considerações finais

Encontros que se desdobram em vivência registrados num relato. Num verso, construído a partir de expressões dos que partem, dos que ficam, dos que continuam em travessia acreditando em sonhos, realizações e vitórias.

Vejo que preciso partir; buscar além do que encontro aqui. O Sagrado comigo está!

Cavar não só com as mãos, cavar até garantir. O Sagrado me acompanha aqui e acolá.

Preencher uma ausência com outras ausências. Deixar a esperança correr... Partir e chegar pra colher. E o Sagrado permanecerá.